

JORNAL DA TARDE 28 FEV 1992 AGORA, PAÍS PEDE DESCONTO A BANCOS.

Dívida Externa

Marcílio começa a negociar a dívida com os credores privados com um pedido de abatimento de 37,5%

Resolvidas as negociações com o Fundo Monetário Internacional e com o Clube de Paris, o ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, levará a Nova York, durante o Carnaval, a proposta brasileira para renegociação da dívida com os bancos privados. Ela consiste num pedido de desconto de 37,5% sobre uma dívida de US\$ 42 bilhões. "Os bancos ofereceram 32,5% e obviamente chegaremos num ponto de convergência", declarou o ministro no Senado.

Ele adiantou que o Brasil também insistirá num prazo de reescalonamento de 30 anos, com carência de cinco a dez anos. "Ainda no primeiro semestre, essa etapa será vencida, diminuindo o custo das captações que começam a ser feitas por empresas públicas e privadas no Exterior", salientou o ministro, informando que o subsecretário do Tesouro dos EUA, David Mulford, virá ao Brasil no próximo dia 13.

Marcílio contestou as críticas relativas ao fato de o governo brasileiro ter se comprometido a desembolsar US\$ 4,1 bilhões para o Clube de Paris, neste ano e em 1993. No entendimento do senador Eduardo Suplicy (PT-SP), esse montante estaria acima da capacidade de pagamento do País, que é limitada por uma resolução do Senado. "Fizemos estudos muito cuidadosos e esse valor está implícito no programa encaminhado ao FMI. Obviamente, fize-

mos uma proposta menor, no início da negociação com o Clube de Paris, pois ninguém entra numa negociação oferecendo o máximo", disse.

O presidente Fernando Collor disse que o acordo abrirá as portas a novos investimentos e financiamentos estrangeiros no País. A

negociação, que envolveu o reescalonamento de US\$ 11 bilhões, a serem pagos em 14 anos, segundo o presidente, também irá consolidar os canais de relacionamento do Brasil com a comunidade financeira internacional. As declarações do presidente

foram feitas durante a solenidade de inauguração do "espaço" Lúcio Costa, na Praça dos Três Poderes.

Em Paris, o presidente do Banco Central, Francisco Gros, disse ter fechado com o Clube de Paris "o acordo que era possível", como informa o correspondente **Realidade Jr.** E preferiu não compará-lo a acordos de outros, como Argentina, México e Filipinas. Gros explicou que o Brasil tem atrasados mais elevados e necessidades diferentes. Reconheceu que para um acordo ser considerado excelente seria necessário haver perdão de parte da dívida, como já ocorreu com outros países. Nos meios financeiros franceses o acordo foi considerado apenas razoável, quase clássico, tendo sido feitas menos concessões do que a outros devedores do mesmo grupo.



Suplicy questiona

Prof. Nêne/AE